

A terceira idade e a condição humana

Juliana Andrade Oliveira*

No Brasil, quando se fala de “Terceira Idade” logo são lembradas as pessoas idosas ativas; mas o termo nasceu justamente para evitar que se fale de velhice. “Terceira Idade” é um termo de origem francesa utilizado para não rotular de simplesmente *velhas* pessoas que tenham acabado de se aposentar. Uma vez que estavam com plenas capacidades para realizar as suas tarefas diárias, tinham boa saúde, sentiam-se independentes e com “espírito jovem”, não poderiam ser identificadas com a mesma designação daquelas pessoas que também não trabalhavam, mas que eram bem mais velhas e, às vezes, com saúde debilitada, e dependentes da família. Assim, inventou-se o termo “terceira idade” para essa nova geração de aposentados, mais jovem (a partir dos 45 anos,

por exemplo): com melhor instrução e renda, já sem o peso das responsabilidades da fase adulta, como criar os filhos ou montar um patrimônio. Isso foi lá na França, país com índices sociais melhores que os nossos, onde há mais condições para uma vida longa, e onde a previdência chegou mais cedo do que aqui. No Brasil, seria possível encontrar uma *Terceira Idade* nos moldes acima?

Essa expressão não foi criada com vistas a hierarquizar as pessoas idosas; quer explicitar uma fase a mais na vida. Assim, a primeira idade seria a infância, a segunda a fase adulta e a terceira esse período que ainda não era a velhice (equivocadamente associada com a senilidade, fraqueza e espera do fim), mas também não mais a fase adulta cheia de obrigações e trabalho.

* Mestranda em Sociologia na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Tecnologista da Divisão de Sociologia e Psicologia da Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho – FUNDACENTRO.

¹ A palavra “homem”, nesse texto, visa designar todo ser humano, seja masculino ou feminino. As considerações feitas por Hannah Arendt e também as nossas referem-se igualmente às mulheres.

Com base na obra de Hannah Arendt (1997), pode-se observar esse período da *Terceira Idade* - se é que realmente é possível considerá-lo assim - como representação de um ideal de vida. Mais do que isso, pensá-lo pode ser, filosoficamente, um momento propício para entender o que faz do homem¹ um ser humano.

I

Para Arendt², homens e mulheres diferenciam-se de qualquer outro ser porque são dotados de humanidade. Não é porque são seres sociais, porque se organizam em sociedade, mas porque possuem a capacidade de criar, de agir imprevisivelmente e de aperfeiçoar qualquer coisa. Viver em sociedade não é atributo do homem; as formigas e abelhas também o fazem, mas o homem é o único ser político. Política, para Arendt, e aqui, é mais do que tomar decisões, mas discutir acerca do mundo, ou o que muitos chamam simplesmente de "filosofar". A política é a ação de discutir idéias, criações, de exposição de si e de seus pensamentos e de troca de histórias. Essa política permite, e dá lugar à diversidade de opiniões e à liberdade de expressão. No mundo onde ela está ausente não há espaço para exercitar um

pensar legítimo e original.

É interessante pensar o homem na *Terceira Idade* de acordo com a perspectiva de Arendt, porque a pessoa que está nessa fase já passou – assim supomos – pelos momentos de construir um lar, criar os filhos e trabalhar, isto é, desempenha cada vez menos funções de sobrevivência e busca agora outro sentido para a vida. Para entender melhor, vejamos, na visão de Arendt, as atividades essenciais da vida do homem.

Sabemos que, para viver, o homem precisa transformar a natureza para seu uso próprio, ou seja, precisa trabalhar. Mas essa ação tem dois sentidos, que Arendt faz questão de diferenciar: o sentido do labor e o sentido do trabalho. O labor são os atos que permitem sobreviver; é o esforço que o corpo realiza para manter-se vivo. O homem que labora (o perfil do homem quando labora) é chamado *animal laborans*, e o seu labor não resulta em um produto acabado, mas sim na satisfação das necessidades vitais mais imediatas. Trata-se, então, de um consumo das coisas do mundo para a saciedade do homem. Já o *trabalho* é aquele realizado por nossas mãos, que se destina a produzir coisas, ou seja, é a fabricação. É exemplo de um trabalho o esforço desprendido por um artista ao

² Ibidem.

fabricar uma obra de arte, ou de um operário que fabrica um carro. *O trabalho resulta num produto acabado.* Quando nos referirmos ao homem que labora, utilizaremos, tal como Arendt, a expressão *animal laborans*, e quando nos referirmos à lógica do homem que trabalha, a expressão será *homo faber*.

O *homo faber* e o *animal laborans* representam duas dimensões da condição humana, mas há outra fundamental que é aquela que o define: a dimensão política. Nos tempos modernos em que vivemos, a dimensão que predomina é a do *homo faber* e do *animal laborans*, e o “lado” político fica apagado. À medida que o avanço tecnológico permite produzir na medida das máquinas, e não das necessidades do homem, e que o *homo faber* transforma tudo o que produz em meios para produzir outras coisas mais, o mundo passa a ser um lugar de produção e consumo, e não de elevação da alma e de reflexão. Tudo se transforma em alvo do *animal laborans*. O homem moderno busca, então, como fim último, a felicidade, entendida como a possibilidade de consumir tudo o que se deseja com o mínimo de esforço, ou melhor, de trabalho e labor, diferentemente do homem de ação que não tem a exigência da felicidade e nem do consumo, mas apenas a da evolução da sua humanidade por meio do exercício da política.

Sob essa ótica, a “Terceira Idade” pode ser observada como o resultado de uma vida que se dedicou ao trabalho e que busca agora a felicidade. Mas antes de apresentar tal assertiva como uma afirmação, cabe indagar: o homem moderno, ao caminhar para a reta final da vida, ou o seu último período, livre da luta pela sobrevivência por meio do trabalho, pára de agir como um *homo faber*? Como vive o homem moderno depois do seu período de *homo faber*, de trabalho? Que atitudes resultam dessa visão de mundo combinada com a chegada da velhice?

II

A velhice foi, por muito tempo, e em algumas sociedades ainda é, um período de sofrimento o qual é evitado o máximo possível, ainda que isso seja impossível. O velho na sociedade capitalista ainda é tido como um fardo a ser carregado por aqueles que têm força de trabalho para vender, ou meios de produção. Numa sociedade na qual o *homo faber* é preponderante, aquele que não pode fabricar, nem trabalhar, já não serve. Por isso, durante muito tempo, especialmente no período em que os velhos operários ainda não tinham aposentadoria e nenhum tipo de previdência social, os velhos foram (e ainda são) um grupo deixado à margem pelas principais insti-

tuições sociais de poder (a exemplo da família, do Estado e do mercado).

Recentemente, no entanto, os idosos têm sido alvo de maior atenção por parte da mídia, do mercado, das políticas públicas (um exemplo é o Estatuto do Idoso, que só em janeiro de 2004 foi promulgado) e até da Academia. Têm sido não só notados, mas visados, ganhando um público específico de pessoas “especializadas” neles. Os gerontólogos que surgiram nos anos 60 já não estão sozinhos no cuidado aos idosos e são agora acompanhados por um complexo de atividades direcionadas a captar esse nicho de mercado que se desenvolve. A própria “Terceira Idade” como estilo de vida vem dessa maior atenção, como vimos.

Em entrevistas feitas com pessoas com 60 anos ou mais, no entanto, constatamos que atualmente essa denominação, na maioria das vezes, é rechaçada, mas não é nosso objetivo avaliar se esses sujeitos são ou não da “Terceira Idade”. Nesse texto, “Terceira Idade” é tomada como uma denominação para um estilo de vida variável em muitos casos. Opta-se pela utilização do termo para designar pessoas com condições sócio-demográficas e econômicas semelhantes e suficientes para que não dependam de terceiros ou de trabalho remunerado. Além disso, este é o termo que está popularizado, e isso já é

uma característica do que queremos estudar. É mister, entretanto, indagar em que medida o que chamam de “Terceira Idade” é mesmo um “estilo de vida” delineado pela sociedade de consumo, como se fosse mais um de seus repertórios de valores. Até que ponto é a “Terceira Idade”, e a recente visibilidade dos idosos enquanto um grupo social, uma conquista (através da aposentadoria, dos fundos de pensão, do aumento da longevidade e de uma postura cidadã), um produto lapidado pela “gerontocracia” (tipo de discurso médico normativo sobre como a velhice deve ser vivida, e vendido por um mercado que vê nessa “terceira idade” um crescente filão de consumidores).

Seja como for, algo se pode concluir: a velhice está cada vez mais pública; está exposta nas ruas e é discutida por pessoas de todas as idades e classes sociais. Na cidade de Santos (SP), por exemplo, as estatísticas dão conta de que 15,7% de sua população têm mais de 65 anos (no Brasil a média é de 8,56%). Saúde, disposição, facilidade de locomoção através do transporte público gratuito, proximidade entre os lugares, terreno plano e clima ameno favorecem a circulação dos idosos no espaço público intra-urbano dessa cidade. Será isso que leva a cidade de Santos a ter a impressionante proporção de idosos que tem?

III

Entrevistamos algumas pessoas nessa faixa etária na orla da praia de Santos. Parece evidente, nessas entrevistas, que são os fatores mencionados acima os que atraem os idosos para a cidade, pois assim eles podem “sair de casa e ver o mundo lá fora” tranqüilamente... Em outras, a solidão aparece e sugere que eles saem em busca da companhia dos outros, e de gente “jovem e bonita”. Os motivos são variados, mas é certo afirmar que na cidade de Santos o idoso passa grande parte do seu dia fora de casa, em espaços públicos, sendo muitas vezes essa possibilidade de participar de coletividades, algo que os atrai para a cidade. É um envelhecimento que leva o idoso para a rua, à vista de todos, e não nos cantos e quartos da casa.

Dona Estela³, que foi morar nessa cidade a contragosto (por insistência do marido doente que precisava de repouso e tranqüilidade), resolveu continuar na cidade depois que ele morreu. Para se recuperar da grande tristeza, iniciou atividades na Igreja que ficava a uma quadra de seu prédio (que também fica

a uma quadra da praia). Lá começou a trabalhar como voluntária nos serviços de ajuda à comunidade, conheceu outras pessoas, e foi convidada para fazer trabalho voluntário em outros lugares. Pedagoga e formada em educação artística, ela continuou exercendo a profissão em um curso de alfabetização de adultos e numa escola para excepcionais. Descobriu que havia uma Faculdade da Terceira Idade perto de sua casa e resolveu experimentar. Fez amigos e agora tem bastante companhia para passar o tempo e somente duas noites livres de compromissos durante a semana. Os filhos pedem, mas ela não quer voltar a morar em São Paulo, na capital. Dona Estela reúne as características da “terceira idade”: vida ativa, dedicada a fazer o que gosta, com uma renda que lhe permite viver sem dificuldades, advinda da aposentadoria e da pensão do marido, e tem nível de escolaridade de terceiro grau. Mora perto da praia⁴ e tem amigas e amigos que realizam as mesmas atividades que ela, o que nos permite visualizar um grupo de idosos com atividades próprias que os caracterizam. Há também aqueles que são vis-

³ Os nomes dos entrevistados são fictícios.

⁴ Em minha pesquisa de mestrado, estudo o espaço intra-urbano de Santos e a presença de idosos. Aqueles saudáveis e com boas condições de vida concentram-se predominantemente na praia, pois lá é que gostam de passar o tempo.

tos como pessoas da “Terceira Idade”, mas negam a *alcunha* porque não querem ser identificados pelo mesmo nome daquelas pessoas “aparecidas e exibidas”. O Sr. Luís, que frequenta o Serviço Social do Comércio (SESC) como cadastrado da Terceira Idade, diz que “a Terceira Idade é o ‘Ó’”:

- Não, não me considero da ‘Terceira Idade’ porque essa ‘Terceira Idade’ é muito recordista, recorda demais... nostálgica... eu não gosto do cheiro de velho... eu sou jovial, faço bastante exercício.

Perguntado sobre suas atividades, contou:

- Minhas atividades? SESC! Chego aqui 11h e vou embora 19h. Adoro o SESC! É a minha segunda casa, pra não falar que seja a primeira. Eu falo que eu moro no SESC e de vez em quando vou pra casa.

[...]

- E o que o senhor faz por aqui?

- Nado.

- O senhor começou a nadar agora ou sempre nadou?

- Sempre nadei, desde os 18 anos. Eu competia em natação em São Paulo. Sempre pratiquei esporte.

- Quais os lugares que mais frequenta?

- Não vou à praia de jeito nenhum. Só vou dia de segunda feira porque o SESC está fechado. O SESC é maravilhoso, gostaria de fazer um elogio ao diretor. Isso aqui é melhor que a minha casa. Só tenho elogios.

- O senhor não vai a outros lugares?

- Só vou a outro lugar quando tenho que pagar aluguel, luz, só quando tem que fazer alguma comprinha... e tem que ser de manhã cedo ou à noite, porque de dia eu estou aqui no SESC.

O Sr. Luís, assim como Dona Estela, vieram de São Paulo para viver em Santos e moram sozinhos. Pode-se notar que o cotidiano de ambos está configurado pela busca de atividades que proporcionem sociabilidade. Mesmo não se constituindo num grupo homogêneo, e rejeitando rótulos generalizantes há, a nosso ver, uma busca do coletivo, ou do sentimento de pertencimento a um coletivo, e da recuperação do sentido de comunidade. Como disse Dona Lourdes, *daquele tempo pra cá, muita coisa mudou*:

- [...] muita! Muita diferença!

- O que mudou?

⁵ Centro de Convivência da Terceira Idade, da Prefeitura Municipal de Santos.

- Naquele tempo, as pessoas se conheciam mais, tinham mais amizade, tinham mais 'tempo de família', participavam mais de família. Agora não, é muita atividade, todo mundo corre pra tudo, então, embora todo mundo faça muita coisa, o mundo tem mais solidão. Não é o meu caso, hein... É muita coisa junta, muita informação e aí as pessoas não são mais aquela amizade de ir lá, tomar um chazinho, dificilmente... a menos que vá para um CECOM⁵, assim, esse grupo da Terceira idade, aí sim, aí é diferente, mas como não freqüento o grupo....

Dona Gilda, ao reclamar da falta de tempo de família, ainda está falando de esfera privada, do que chamamos de "nossa vida particular". Todo o seu incômodo (a excessiva dedicação à vida profissional, material, econômica em detrimento da dedicação aos nossos) pode ser vista como um excessivo peso dos deveres e tarefas sociais sobre a esfera da intimidade – esta, sim, as pessoas não cultivariam mais umas com as outras. No entanto, ao reclamar da falta de diálogo entre as pessoas, já passamos para um espaço de discussão, de exposição de opiniões, o mundo do qual fala Hannah Arendt. E esse mundo já é o começo de uma esfera pública.

O espaço intra-urbano (as ruas, calçadas, o espaço interior da cidade), além de ser o espaço da vida cotidiana da população é, fundamentalmente, o es-

paço público urbano no qual as pessoas se encontram. Os encontros acontecem com finalidades diversas, privadas ou públicas, ou então são apenas ocasionais, de pessoas que, por coincidência, freqüentam o mesmo espaço como os idosos e os surfistas. A dinâmica do espaço intra-urbano, principalmente um espaço, como o de Santos, pelo qual é fácil e barato circular, é facilitadora de pequenos espaços públicos de discussão que se fazem e desfazem a todo momento, a cada encontro, e que, às vezes, persistem quando afinidades são encontradas entre os seus freqüentadores. Parece ser assim com os aposentados que jogam damas na praça do canal 3 ou com o pessoal dos "CECOMs". Um encontro ocasional faz com que aconteçam vários outros encontros marcados...

A "Terceira Idade", em nosso entendimento, goza da centralidade que falta à velhice porque tem condições e vontade de se fazer visível nesse espaço público. Estão aí a possibilidade e os elementos para a formação de um mundo público entre as pessoas mais velhas e a sociedade como um todo. Mas como se coloca a "Terceira Idade" nesse espaço? A "Terceira Idade" tem uma opinião sobre o mundo que a cerca? Os indivíduos que vivem esse momento de vida preocupam-se com o mundo? Preocupam-se em opinar e saber o que está

acontecendo? Eles expressam essa opinião? Tornam-na pública?

Nas entrevistas realizadas perguntei sobre as suas atividades diárias, o que achavam da vida na “terceira idade” e se havia alguma parte ruim na velhice. O Sr. Aquino trata de se divertir: passeia na praia, toma cerveja com os amigos, joga dominó, sueca etc. Frequenta as mesas do canal 3 há seis anos e viaja bastante com um amigo que é caminhoneiro. Essas atividades são as que preenchem a maior parte do seu dia.

Já o Sr. Mauro, de 70 anos, além de lecionar em dois colégios corre na praia sempre que dá (geralmente de manhã), lê muito, vai ao cinema, passeia no Gonzaga e de vez em quando vai a bailes. Vai geralmente de carro ou a pé, mas aproveita o direito do ônibus gratuito também. Difícil dizer que ele está na tão chamada “Terceira Idade”, uma vez que trabalha, mas podemos assim considerar porque ele trabalha por opção.

Dona Célia, de 73 anos, vai poucas vezes à praia, apesar de morar perto. Ela diz que não tem o costume, mas às vezes vai para tomar sol devido a recomendações médicas. É dona de casa e costuma fazer mais “as atividades do lar”. Depois da morte do marido aproximou-se mais da Igreja. Para ela, “a melhor coisa de estar nesse período da vida é a tranquilidade com horário, com filho...”.

Dona Estela, com 68 anos, vai à praia e ao supermercado de manhã, à tarde, para a faculdade, e à noite faz trabalhos voluntários e vai ao grupo de oração da Igreja. Ia com frequência à academia, mas o médico aconselhou parar.

Não é possível traçar um perfil único para a “Terceira Idade”, mas é possível perceber algumas características comuns. Há em todos os entrevistados a busca pela alegria, pelo prazer, diversão, sociabilidade, vaidade, beleza e, principalmente, pela jovialidade. Numa primeira olhada, fica até difícil estabelecer se a “Terceira Idade” resulta da sociedade de consumo ou foi posteriormente por ela influenciada ou apropriada. Nas entrevistas é possível perceber também que a demonstração das virtudes humanas não está incluída no que eles entendem por política. Quando perguntamos a alguns deles sobre política, o sentido que têm dessa palavra é mais próximo do sentido clássico moderno, aquele de disputa de poder - quando não expressam, na maioria das vezes, concepções estereotipadas e pessimistas da política (algo que corrompe o ser humano no seu lado ético e moral). Sr. Aquino: “Voto por obrigação, mas não gosto. Político é ladrão!” Sr. Luís: “Não voto há cinco eleições!” Dona Gilda: “Sempre voto, né? Sou obrigada. Só porque sou obrigada. Num gosto de político. São todos uns mentirosos”.

Dona Estela: “Voto, mas se pudesse, não votaria. O problema são os políticos do Brasil”.

Política como um fardo indesejável: é assim que o ser humano que vive nesse período que chamamos de modernidade a vê. Essa visão sobre política é a mais comum, desde que a Revolução Francesa disseminou um conjunto de idéias cujo valor máximo a ser buscado é a felicidade através da igualdade, liberdade e fraternidade. Diferente do homem da civilização grega, que prezava pela “vida pública”, pelo pensar e pelo criar e que queria vaidosamente ser admirado por suas qualidades. Felicidade, na sociedade moderna, é freqüentemente traduzida por poder de consumo, ou outros sonhos realizados na esfera privada; e a política (para esses idosos, aqui nossos representantes do homem moderno) é uma constrangedora necessidade a que a sociedade precisa submeter-se. Uma ação que, mesmo tendo que ser realizada na esfera pública, acaba sendo “decidida” na esfera privada (cargos para parentes, mandos e desmandos de coronéis, suborno, *lobbies* etc.). Nesse ínterim, desvaloriza-se, assim, tudo o que é público por, de certa forma, tocar o político e, por isso, não tocar necessariamente, de maneira legítima, ninguém.

Ao que parece, esses idosos, de maneira geral, buscam o valor máximo

que podem encontrar na vida, e esse valor é a felicidade. Por isso buscam o lazer e não a política. A política pode ser um mundo de dilemas éticos, lutas, além de ser algo dispendioso, que demanda trabalho regrado. Esse trabalho é o que muitos não querem mais, não mais. Entretanto, ao conquistarem visibilidade e se imporem nesse espaço público, criam o espaço para a política, e na medida em que discutem suas condições de vida, seus desejos, e buscam adaptar o lugar no qual vivem às suas necessidades e demandas específicas, fazem política, discursam, agem, ganham existência pública e política, ainda que pensem na política de outra forma.

Quando percebem que há um espaço para eles, e que eles são ouvidos, sentem-se mais à vontade para agir e colocar-se nesse mundo público. Um exemplo acontece quando juntam forças e votos para eleger candidatos a prefeito que proporcionem atividades de lazer para eles em pontos acessíveis da cidade, ou quando fazem abaixo-assinados para que haja bloqueios legais ou tributários para estabelecimentos de diversão na orla (onde a maioria deles reside) e haja incentivos de sua mesma natureza para que os mesmos estabelecimentos se instalem no centro da cidade. Ainda que não seja com os propósitos e com o sentido original da política grega - que pertenceu a outra época e

outra sociedade - estão criando oportunidades para recuperar a dimensão exclusivamente humana, a dimensão política.

A "Terceira Idade" pode estar impregnada de sociedade de consumo e até mesmo ser impulsionada e apropriada pelo discurso mercadológico daqueles que querem ganhar dinheiro com esse nicho de mercado, e pode ainda estar sendo balizada por uma "gerontocracia" que dita regras de conduta. Mesmo assim, há, na mesma "Terceira Idade", guardados na memória de cada "jovem idoso", os elementos para a criação e manutenção de uma esfera pública, isto é, de um espaço para expor opiniões acerca do mundo e de discussão permanente sobre essas pessoas que construíram a sociedade em que vivemos hoje e na qual viveremos amanhã.

Bibliografia

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

_____. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1995.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção do envelhecer**. São Paulo: Edusp/FAPESP, 1999.

EUFRASIO, Mario Antonio. **Estrutura urbana e ecologia humana: a escola sociológica de Chicago (1915-1940)**. São Paulo: Editora 34, 1999.

NERI, Anita; DEBERT, Guita Grin. **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

_____. Anita. Velhice bem sucedida e educação. In: DEBERT, G.; NERI, A. **Velhice e sociedade**. Campinas, SP: Papyrus, 1999.

NESE – Núcleo de Estudos Sócio-Econômicos da UNISANTA. **Pesquisa de emprego e desemprego**. Santos, SP, mar. 2003.

_____. **Pesquisa de orçamento familiar**. Santos, SP, 2003.

BARROS, Miriam M. Lins (org.) **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV, 2000.

VERAS, Renato P. (org.) **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. UnATI/UERJ. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel; Lincoln Institute, 1998.